

REFERÊNCIAS

- Bento, M. A. S. (2002). *Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/publico/bento_do_2002.pdf
- Brocos, M. (1895). *Redenção de Cã* [óleo sobre tela]. Museu Nacional de Belas Artes. <https://mnba.gov.br/portal/component/k2/item/192-reden%C3%A7%C3%A3o-de-c%C3%A3.html>
- Buarque de Holanda, C. (2017). As caravanas. Em *Caravanas* [CD]. Rio de Janeiro: Biscoito Fino. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=6TtjniGQqAc&ab_channel=BiscoitoFino
- Carone, I. e Bento, M. A. S. (org.). (2012). *Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- Costa, F. Braga da (2008). *Moisés e Nilce: Retratos biográficos de dois garis. Um estudo psicológico social a partir de observação participante e entrevistas*. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-09012009-154159/publico/costafernando_do.pdf
- Debieux Rosa, M. (2018). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: FAPESP/Escuta. (Trabalho original publicado em 2016).
- Domingues, P. J. (2002). Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-930. *Estudos Afro-Asiáticos*, 24, 3, 563-599.
- Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. Em S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2010). O inquietante. Em P. C. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).
- Gonzalez, L. (31 de outubro de 1980). *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Trabalho apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho: Temas e problemas da população negra no Brasil, 6º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Rio de Janeiro.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano* (J. Oliveira, trad.). Rio de Janeiro: Cobogó. (Trabalho original publicado em 2008).
- Lewkowicz, A. B., Goldstein, J., Brandão, L. A. e Secco, L. A. (2019). *A branquitude do analista dentro e fora de casa*. Mesa redonda: Psicanálise e comunidade. O analista fora de casa. 27º Congresso Brasileiro de Psicanálise. Belo Horizonte, Minas Gerais.
- Paim Filho, I. A. (2014). Totem e tabu: Um prêmio ao narcisismo (Sobre a sexualidade ampliada do complexo de Édipo). Em Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (org.), *Para uma introdução ao narcisismo: Reflexo e reflexões* (pp. 237-252). Porto Alegre: Instituto Pobres Servos da Divina Providência.
- Ramos, J. de Souza (1996). Dos males que vêm com o sangue: As representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20. Em M. C. Maio e R. V. Santos (org.), *Raça, ciência e sociedade* (pp. 59-82). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Schucman, L. V. (2017). *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. São Paulo: Fapesp/Annablume. (Trabalho original publicado em 2012).
- Telles, L. F. da Silva. (2018). Amas de leite. Em L. M. Schwarcz e F. dos Santos Gomes (org.), *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Rubén Zukerfeld* e Raquel Zonis Zukerfeld**

Calibán -
RLP, 19(1-2),
81-94
2021

Pandemia, potenciais inconscientes e desenvolvimento resiliente: O infantil e o humor

«

Introdução: A adversidade perfeita

*Eros move a mão que se estende na direção do outro —
mas mãos que acariciam também podem prender e esmagar.*¹
Zygmunt Bauman, 2005

Freud (1930/1973b) descreve as três grandes fontes da adversidade e do sofrimento humano dessa forma:

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução [...] do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; [...] de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro.² (p. 3025)

Um livro de Junger (1997) que deu origem ao filme *A tormenta perfeita* serviu para introduzir na linguagem esta noção para aludir à conjunção simultânea de todos os fatores que a produzem e seus efeitos catastróficos. Nesse sentido, a pandemia de Covid-19 cumpre – em nosso entender – o lugar da adversidade perfeita porque, em primeiro lugar, existe uma ameaça desconhecida do mundo externo, em segundo lugar, um efeito sobre os corpos direto e fantasiado, e em terceiro lugar, o isolamento, a distância e a desconfiança nos vínculos. Essa conjunção tripartite se

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

** Cofundadora e docente do Instituto Psicossomático de Buenos Aires.

1. N. do T.: Tradução de Medeiros, C. A tradução desta citação corresponde à página 12 de: Bauman, Z. (2004) *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 2003).

2. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 50 de: Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 42-92). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930). Versão eletrônica recuperada em: <https://cutt.ly/GbXieaB>

condensa no dia de hoje na noção de incerteza, gerando diferentes tipos de regressões e, especialmente, mecanismos paranoides. No entanto, também é observável avaliar como se ativam traços solidários e, especialmente, potenciais criativos. Essas últimas características fazem pensar que o traumático não teria apenas um efeito devastador, mas que poderia colocar em evidência estes potenciais que se expressariam de diferentes formas. Por isso, é bom revisar os núcleos duros de nossos fundamentos psicanalíticos (Paz, setembro de 2020), particularmente aqueles viciados de determinismos lineares, de preconceitos teóricos e de vieses clínicos, e, ao mesmo tempo, incluir nessa perspectiva a originalidade das descobertas freudianas. Nesse sentido, os objetivos deste trabalho são apresentar – a propósito da citada pandemia – a importância da noção de potencial inconsciente, processo terciário e desenvolvimento resiliente em sua relação com o infantil e com o humor. Trata-se, por fim, de revisar os vínculos significativos – especialmente, os dos pais com seus filhos em uma situação de confinamento –, naqueles em que Eros possa enfrentar a Tanatos com um sorriso para que no fim a aproximação das palavras – se não pode ser o das mãos – seja principalmente de carícias, as carícias próprias das relações transformadoras.

Potenciais inconscientes e processos terciários: Um modelo de transformação

*Não é tanto uma questão de os processos secundários dominarem os processos primários, mas antes, de o analisando poder fazer uso mais criativo da coexistência e assim fazer atividades mais elaboradas da mente, como faz na vida cotidiana. Talvez seja pedir muito.*³

André Green, 1979

Uma vez que consideramos a psicanálise e a psicoterapia psicanalítica como uma clínica e uma teoria da transformação, encontramos em sua história pelo menos com dois núcleos duros – clínico e teórico – dignos, por sua relevância, de serem problematizados.

Um deles – clínico e psicopatológico – é a noção de séries complementares, genial concepção freudiana que teve diversas revisões, mas que acreditamos que deixou flutuando no imaginário clínico o conceito de predisposição associado ao de fixação, termos com certo viés de determinismo linear. Um exemplo disso é a suposição – não necessariamente consciente – de que o vínculo primário determina o futuro do sujeito. Por outro lado, o pensamento complexo, que tanto colaborou para a teoria e clínica psicanalíticas, nos estimulou a pensar que seria melhor substituir a noção disposicional pela de *potencial inconsciente*, construído pelo fator constitucional em sua articulação com as experiências infantis.

O termo *potencial* (2020) faz alusão ao que tem ou encerra em si potência, e ao mesmo tempo ao que pode ocorrer ou existir, em contraposição do que existe, ou seja, o que tem a *possibilidade* de chegar a ser. Na verdade, diferentes autores pós-freudianos com maior ou menor explicitação utilizaram o termo.

3. N. do T.: A tradução desta citação corresponde à página 26 de: Green, A. (1986) *A psicanálise e modos comuns de pensamento*. Rio de Imago: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1979). Recuperado em: <https://cutt.ly/YbZ71LS>

Carl Jung em sua teoria sobre os arquétipos os define como *potenciais herdados* que são atualizados quando entram como imagens na consciência ou se manifestam no comportamento na interação com o mundo exterior. Os potenciais inconscientes são explorados e reintegrados ao si mesmo total em um processo que Jung chamou individualização (Mente & Comportamiento: Enciclopedia Digital de Psicología, 2020).

É importante destacar aqui que, na década de sessenta, Winnicott utiliza – de acordo com a pesquisa de Abello Blanco e Liberman (2011) – o termo *potencial herdado* e destaca que o verdadeiro *self* é “a transformação do potencial herdado e do gesto espontâneo a partir do encontro com outro em um ambiente de sustentação”⁴ (p. 181). Além disso, destacam que Winnicott aponta que “o potencial herdado em um ambiente que sustenta se converte em uma continuidade do ser” (p. 70), concepção que culmina quando afirma que “o potencial herdado pelo infante não pode se converter em um infante a menos que esteja vinculado com o cuidado materno” (p. 84).

Christopher Bollas (1989) – em relação ao *self* verdadeiro de Winnicott – sustenta que no que ele prefere denominar *idioma de nossa personalidade*, existe um conjunto de disposições orientadas geneticamente que constituem um potencial que depende do cuidado materno para sua evolução.

Em ambos autores se pode apreciar como subjaz a definição de *potencial* enquanto “potência” e “possibilidade de chegar a ser”, a partir do vínculo materno filial e sua capacidade de sustentação para o desenvolvimento do *self* ou do “idioma de nossa personalidade”. Por outro lado, ambos se ocuparam da possibilidade da criação, tema retomado por Piera Aulagnier (1983) em relação ao potencial, o possível e o impossível. Essa autora escreve que:

o termo “potencialidade” abrange, ao mesmo tempo, respostas que dão conta do poder de *invenção, de criação* do Eu, aquelas que lhe permitem evitar recorrer a “defesas sintomáticas”, e aquelas que sim apelam a defesas sintomáticas. (p. 66; as itálicas são nossas)

É evidente que Aulagnier põe em questão o que entendemos como *duas* possibilidades potenciais: aquelas nas quais se pode inventar e aquelas nas quais se apela a soluções transacionais. Em relação a esse aspecto, destacamos que Rafael Paz (2000), ao se ocupar de sua posição frente à concepção do inconsciente, escreve que:

O inconsciente se define não apenas pela negatividade de ser o que resiste à consciência, mas por constituir o regime de realização de sistemas psíquicos *dissociados e reprimidos* [...] a *questão do inconsciente se amplia como topos do potencial* tanto do realizado e coibido quanto do não realizado (potencial em sentido estrito). (p. 27; as itálicas são nossas e do autor)

Aqui já se marca a diferença entre o reprimido, “realizado e coibido” – o das “defesas sintomáticas” –, que entendemos como sistema representacional, com o dissociado, não realizado, que não apela a ditas defesas, no que se produz a invenção. Essa questão – acrescida à proposta por Winnicott e de Bollas – nos fez pensar que existem – como desenvolve-

4. N. do T.: Esta e as demais citações são tradução livre a não ser quando especificado algo em contrário.

remos mais adiante – dois potenciais inconscientes que necessitam de um adequado vínculo primário para se expressar, mas que constituem uma forma de pensar o inconsciente e, portanto, sua universalidade, sua permanência e suas vicissitudes singulares na clínica.

b) Outro dos núcleos duros de nosso pensamento psicanalítico é a caracterização de um modelo do psiquismo no qual convivem processos primários e secundários, que Laplanche e Pontalis (1967/1971) descrevem como “uma referência imutável do pensamento freudiano”⁵ (p. 313). No entanto, em 1972, André Green propõe a necessidade de criar um terceiro tipo de processos, que considera justamente terciários e que define como “o processo que *coloca em relação* os processos primários e os processos secundários de tal modo que os processos primários *limitam a saturação* dos processos secundários e os processos secundários *aqueles dos processos primários*”⁶ (p. 186, as itálicas são nossas). Essa colocação em relação se constitui em um equilíbrio instável, associado à constituição de um campo de ilusão descrito por Winnicott, que é então fundamental para compreender a criatividade e a criação no diálogo analítico. Nele, como destaca Green, “o trabalho do pensamento [...], consagrado ao exercício dos processos secundários, continua aberto a alguns processos primários que asseguram a irrupção da *intuição criadora* no momento mesmo de se exercer a *mais rigorosa racionalidade*” (p. 187, as itálicas são nossas). “Vários autores latino-americanos – citando ou não a Green – ocuparam-se do valor da “intuição criadora” instalada em relação com a “rigorosa racionalidade”. Entre eles, Luis Chiozza (1980) propõe a ideia de um processo terciário se referindo ao ingresso na consciência da amálgama de um processo secundário junto com um primário, e Augusto Escribens (1998) aponta – a partir do texto de Green – que a atividade psicanalítica não consiste apenas em substituir representações de coisa por representações de palavra. Por outro lado, Luis Hornstein (1993), tomando como protótipo as ideias freudianas sobre o chiste, alude a um princípio *mais além do princípio da realidade*, que entende como *princípio de criação*, e, a partir dali, propõe uma metapsicologia dos processos criadores. Esse conceito é solidamente desenvolvido por Héctor Fiorini (1995) que define a tópica criadora como aquele sistema capaz de organizar seu eixo a partir do trabalho de desorganizar o dado, de decodificar o codificado; desenvolve assim a noção de sistema criador vinculado com os processos terciários, aos quais outorga uma hierarquia fundamental.

Pode se dizer que Green – com certa raiz winnicottiana – está reformulando o campo analítico, tanto do ponto de vista do analista como do analisando. Tratar-se-ia de reflexões metapsicológicas muito próximas à clínica psicanalítica, nas que a ideia central seria que a dupla analítica funcionasse em processo terciário, ou seja, sempre incluindo e sempre equidistante dos processos primários e secundários freudianos. Desse modo, será jogado um jogo que implicará não apenas apontar repetições, mas desenvolver uma criatividade, produto do envolvimento intersubjetivo de

5. N. do T.: Tradução de Tamem, P. A tradução desta citação corresponde à página 372 de: Laplanche, J. e Pontalis, J. (1991) *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1967).

6. N. do T.: Tradução de Coelho, N. A tradução desta citação corresponde à página 190 de: Coelho, N. (2015). *Figuras da terceira idade na psicanálise contemporânea: suas origens e seus destinos*. Em: *Cadernos de Psicanálise*. (Vol. 37, pp. 175-195). Rio de Janeiro: Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://cutt.ly/mbCmvKn>

cada um dos integrantes da dupla analítica, com seus próprios processos primários e secundários. Aqui se abriria uma perspectiva transformadora, pois desse modo se ativariam os potenciais inconscientes em sua potência criativa e criadora. O vínculo materno-filial é o primeiro grande ativador, como escrevem Winnicott, Bollas e Piera Aulagnier – essa última, em termos de imposição da demanda materna.

Pensamos que neste vínculo o objeto materno invoca a pulsão em sua dimensão erótica-agressiva, mas também como apoio dos excessos pulsionais separados que não formam parte das vicissitudes de tramitação representacional. Quando nos referimos a *ativação de potenciais*, entendemos tanto os potenciais do inconsciente representacional em seus diferentes deslocamentos, inibições, e expressões como ativação de marcas psicossomáticas, modelos vinculares, sensações, formas da intimidade, que correspondem ao inconsciente não representacional, associado a memórias implícitas⁷. Isso significa que o outro do vínculo é tanto objeto da pulsão erótica e agressiva como apoio da pulsão. Desse modo – e esta é nossa proposta central – é que diferenciamos um potencial que denominamos *hermenêutico* de outro potencial que caracterizamos como *heurístico*. O primeiro é aquele que se *reativa* com o outro como objeto da pulsão (satisfatório ou demandante). O termo *hermenêutico* se refere à capacidade inconsciente de mascarar e decifrar as próprias produções psíquicas – as chamadas formações do inconsciente (v.g., sintoma, ato falho) –, colocando em evidência a *criatividade* intrínseca da mente humana. Trata-se do valor decisivo da fantasia, cujo modelo é o *sonho*, o produto intrapsíquico que outorgou universalidade às noções fundacionais de inconsciente e repressão.

Por outra parte, caracterizamos como potencial *heurístico* aquele potencial que se ativa no vínculo com outro como apoio daquilo não significado, que entendemos cindido do comércio associativo representacional. Alude à capacidade de invenção, ou seja, à de *criação* do novo a partir da citada criatividade e de um vínculo significativo.

O modelo subjacente aqui é o do *jogo*, exemplo paradigmático em Winnicott de uma criação intersubjetiva que constitui algo em ausência de um preexistente e que define inclusive o valor lúdico do trabalho psicanalítico em diversas circunstâncias. É possível pensar que a proposta de Green sobre os processos terciários e sua relação com o espaço transicional winnicottiano seja a condição para que o vínculo primário – a infância – *confluam o modelo fantasmático do sonho e sua criatividade e o modelo vincular do jogo e sua criação, ou seja, a ativação dos dois potenciais descritos*. Mas é importante enfatizar que ambos potenciais permanecem no núcleo do inconsciente toda a vida. Desse modo, e de acordo com o proposto neste trabalho, entendemos o *infantil como a permanência e possibilidade de expressão de ambos potenciais caso se encontrem com vínculos que funcionem em processo terciário, em qualquer circunstância vital*. No entanto, é necessário esclarecer que são diferentes as vicissitudes que ocorrem nas resoluções neuróticas – nas quais o potencial hermenêutico que mascarou o desejo inconsciente é o mesmo que facilita no vínculo transferencial, seu deciframento e sua elaboração – das

7. Nosso trabalho está referenciado na concepção teórica que sustenta a heterogeneidade do inconsciente e a coexistência entre os modos de produção do inconsciente reprimido-repressor representacional com os do que entendemos como inconsciente cindido não representacional, que corresponde à noção de inconsciente originário de Hugo Bleichmar (2001).

→
Personnes, 2010
Christian Boltanski
Monumenta 2010,
Grand Palais, Paris
Courtesy: Christian Boltanski
Studio and Marian Goodman
Gallery
©Christian Boltanski, Licensed
by ADAGP
Photo credit: Didier Plowy



circunstâncias próprias do trauma social e seus efeitos desorganizantes. Mas é aqui justamente onde o infantil – ou seja, os potenciais citados à espera de um vínculo de apoio – pode converter a adversidade no ponto de partida de uma transformação subjetiva, questionando determinismos lineares, ou seja, um desenvolvimento resiliente.

Talvez seja pedir demais, como escreve o Green da epígrafe, mas este desenvolvimento existe e acreditamos que a psicanálise tem muito que dizer a respeito.

Desenvolvimento resiliente: O contraintuitivo possível

Para metamorfosear o horror é preciso criar lugares onde se expresse a emoção [...] a transformação ocorre apenas caso se possa esboçá-la, colocar em cena, converter em relato ou em reivindicação militante.

Boris Cyrulnik, 2001

O termo *resiliência* é usado pela primeira vez no âmbito psicossocial por Werner e Smith (1982) em uma pesquisa longitudinal em uma ilha próxima do Havaí, sobre a evolução de crianças carentes e maltratadas, em relação às quais foram feitos prognósticos muito negativos, e onde pôde ser observado que uma porcentagem significativa tinha conseguido surpreendentes desenvolvimentos. Essas evoluções contraintuitivas, foram atribuídas, a princípio, à condições genéticas, mas depois foi possível avaliar que eram devidas ao encontro com vínculos significativos que ofereceram um amor incondicional.

A noção tradicional de *resiliência* é definida “como a capacidade hu-

mana de enfrentar, sobrepor-se e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade” (Grotberg, 1995/2001, p. 20). É um erro supor que resiliência é apenas enfrentamento bem-sucedido e, como aponta Boris Cyrulnik (2001), é confundir o conceito acreditando que o sujeito resiliente é um “superman”, quando na verdade para este autor o sujeito resiliente é um poeta. Por quê? Porque o desenvolvimento resiliente inclui a criação de uma *condição nova*, que varia de acordo com a história subjetiva e o contexto objetivo onde se produziu determinada adversidade circunstancial ou persistente, e que implica sempre algum tipo de *transformação*. O termo *resiliência* figura no *Tesouro de psicanálise* da Associação Psicanalítica Argentina (s. f.), ainda que seu valor teórico e clínico para a psicanálise não tenha sido suficientemente desenvolvido. Isso ocorreu em coincidência com uma intensa mobilização cultural e midiática, contaminado por certa *vulgata*, que “traduziu” o constructo a um slogan do tipo “tudo o que não mata fortalece”. Por outro lado, seu uso em âmbitos anglo-saxões como sinônimo de “adaptação bem-sucedida” gerou uma severa distorção de seu valor transformador que – a nosso ver – é o sentido autêntico do termo. Já na década de noventa, Peter Fonagy e outros publicaram um estudo sobre a resiliência em relação com a teoria do apego e o desenvolvimento da função reflexiva (Fonagy, Steele, Steele, Higgitt e Target, 1992/1994). Posteriormente, este autor participa da investigação ideográfica realizada – da infância até sua adolescência – sobre um menino maltratado, com abusos físicos, diversas e severas patologias e pais alcoolistas (caso Billy), cuja adoção por outra família gerou uma transformação inesperada e não prevista pelos pesquisadores (Stein, Fonagy, Ferguson e Wisman, 2000).

Em nosso meio, psicanalistas como Aldo Melillo (2004), Daniel Ro-

dríguez (2001), Mariam Alizade (2002), Ana Rozenfeld (2012) e Emiliano Galende (2004) se ocuparam, a partir de diferentes pontos de vista psicanalíticos, do que se entende por *resiliente*. Este último autor propôs que:

a capacidade resiliente como fenômeno subjetivo não consiste em um sujeito que possui previamente essa capacidade para atravessar as adversidades da vida [...] *são essas mesmas circunstâncias adversas* as que produzem nele *condições subjetivas criadoras*, que enriquecem suas possibilidades práticas de atuar sobre a realidade em que vive, e transformá-la ou transformar-se. (p. 38; as itálicas são nossas)

Na verdade, não é a circunstância adversa em si, mas o encontro com o vínculo significativo o que facilita o desenvolvimento de condições subjetivas criadoras frente a certa adversidade. Cyrulnik (2001) propõe – entre outros – dois conceitos centrais para a compreensão do desenvolvimento resiliente: o de tutor e o de relato. O primeiro definido como uma pessoa, um lugar, uma obra de arte que provoca um renascer do desenvolvimento psicológico depois do trauma, no qual um encontro significativo pode ser suficiente. É a partir deste encontro que é possível começar a se constituir uma narrativa na qual o sujeito passa de vítima passiva a maltratado ativo, ou seja, quando se estabelece ou se recupera o laço social.

Uma vez que consideramos a resiliência um processo que pode ou não ocorrer frente à adversidade, nosso propósito neste texto é propor esta problemática em termos de *desenvolvimentos* resilientes e associá-los a condições psíquicas universais próprias de *potenciais inconscientes criativos que provêm já da infância*.

Por outra parte, o conceito decisivo para avaliar o que entendemos como desenvolvimento resiliente é a existência de algum nível de transformação da interioridade e às vezes da realidade exterior. Transformação significa uma nova forma de pensar, uma atitude diferente frente à própria vida ou a dos outros, e a aparição de novos interesses ou atividades não pensadas com anterioridade. Sua relação com a mudança psíquica – objetivo clássico de qualquer processo analítico – é óbvia. Desse modo, a partir de uma perspectiva psicanalítica definimos o *desenvolvimento resiliente como a ativação de potenciais inconscientes a partir de funcionar em processo terciário com um vínculo significativo, construindo assim o estado necessário para a criação de condições psíquicas novas que transformem⁸ em consequência do traumático*.

A pandemia e suas consequências, como o isolamento social e a quarentena, alteraram o contato corporal com os vínculos significativos. E não cabe dúvida de que isso constitui um sério problema. No entanto, como aponta Žižek (2020) pouco tempo depois de começar a pandemia: “há uma esperança de que agora, quando tenho que evitar muitos dos que estão próximos de mim, eu experimentarei *plenamente sua presença, sua importância para mim*” (p. 8, as itálicas são nossas). Essa importância talvez – em nosso entender – aumenta a significação do laço social, tanto em seu valor afetivo-corporal como em seu aspecto racional-intelectual. Isso ocorre justamente porque este laço permite – conforme a expressão de Cyrulnik da epígrafe – esboçar, colocar em cena, converter em relato ou em reivindicação militante⁹.

É assim então que insistiremos em que a criatividade e a possibilida-

8. Metamorfoseiam, conforme Cyrulnik na epígrafe.

9. Na Argentina, um exemplo paradigmático desse aspecto foram as Mães da Praça de Maio.

de de criação do novo são produto de potenciais inconscientes ativados em vínculos significativos, nos quais os processos primários não saturam os secundários, e esses não o fazem com os primários. *Trata-se do infantil aqui considerado como posta em cena da irrupção da intuição criativa no momento mesmo de ser exercida a mais rigorosa racionalidade*. Ativado implica o que todo adulto e especialmente toda criança querida e cuidada pode desenvolver em circunstâncias adversas: a linguagem e a imaginação, as palavras comunicativas e as palavras inventadas, a fantasia, o jogo e o humor.

O infantil e o humor: Guido e Ana

*Você nunca subiu em um trem, verdade? São maravilhosos!
Todo mundo vai em pé, colado um no outro e não tem assentos.*

Roberto Benigni, *A vida é bela*, 1997

O infantil – em nosso critério – constitui uma articulação de expressão dos dois potenciais citados, que podem se desenvolver ou não, dependendo das características do vínculo estabelecido com o outro significativo. Nesse sentido, “o infantil” não está aqui proposto como etapa evolutiva nem como traço de personalidade, mas como amálgama ou colocado em relação com potenciais inconscientes que existem toda a vida, e cuja expressão depende sempre do contexto familiar e sociocultural¹⁰.

A experiência clínica em meio à pandemia colocou em ação estes potenciais, uma de cujas manifestações é o humor, que – por outro lado – de todos os mecanismos psicológicos do desenvolvimento resiliente é um dos mais efetivos.

Nota-se isto na relação entre adultos, nas redes sociais e especialmente com as crianças e seus potenciais criativos, quando os vínculos parentais o permitem ou fomentam. Um exemplo disso é o de Juan, um menino de quatro anos que, frente à informação que recebia sobre a Covid-19, diz ao pai, colocando-se uma capa de super-herói: “Papai, vamos tirar a coroa deste bicho, assim não pode fazer mais nada ruim”. O sorriso do pai melhorou, no confinamento, seu próprio estado de ânimo e o de seu filho.

Stefan Vanistendael (2004), sociólogo pioneiro do valor da resiliência, define o humor como “a capacidade de conservar o sorriso frente à adversidade” (p.123) e ajuda “a transformar a dor oculta em dor dirigida, integrada no tecido da vida” (p.123). O humor é criativo, como também o aponta Rodríguez (2001), e facilita encontrar sentido; implica uma “afirmação da liberdade interior quando se carece de liberdade exterior” (p.134) e também gera uma “ternura com a imperfeição e assim torna suportável a tensão entre o ideal e a realidade preservando aquela” (p. 131).

É útil lembrar que Freud (1927/1973a) propõe o humor como:

o triunfo do narcisismo, na afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego. O ego se recusa a ser afligido pelas provocações da realidade, a permitir que seja compelido a sofrer. Insiste em que não pode ser afetado pelos traumas do mundo externo.¹¹ (p. 2997)

10. É claro que depende do quão facilitadores sejam os contextos.

11. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 100 de: Freud, S. (1996). O humor. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 99-103). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927). Versão eletrônica recuperada em: <https://cutt.ly/GbXieaB>

Afirma ainda que o humor não é uma resignação frente à adversidade, mas que é rebelde, e mais adiante acrescenta que isso implica um triunfo do princípio do prazer e que na atitude humorística,

o indivíduo se comporta para com eles como um adulto o faz com uma criança, quando identifica e sorri da trivialidade dos interesses e sofrimentos que parecem tão grandes [...] identifica-se até certo ponto com o pai.¹² (p. 2998)

E daqui propõe sua hipótese principal sobre a dinâmica do humor, introduzindo a noção de um superego – representante parental – “hipercatexizado” e bondoso, que “consola carinhosamente ao intimidado eu” (p. 3000) e que parece lhe dizer: “Olhem! Aqui está o mundo, que parece tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças, digno apenas de que sobre ele se faça uma pilhéria!”¹³ (p. 3000).

Winnicott (1971/2007), que se ocupa em toda sua obra da capacidade criativa, o propõe como indicador da capacidade de brincar e da espontaneidade frente à rigidez das defesas. E isso fica muito claro quando afirma que a *playing* é uma experiência criativa, uma forma de viver que, como apontam Abello Blanco e Liberman (2011), “não fala da criatividade do artista ou do ‘gênio’, mas da criatividade da vida de todos os dias.” (p. 286). Por outro lado, é conhecido como Kohut (1968) inclui o humor e a criatividade dentro das transformações do narcisismo, e Melillo, Estamatti e Cuestas (2001) o destacam como “pilar” do desenvolvimento resiliente junto à criatividade que o inclui. E essa possibilidade criativa – com todos seus matizes – é proposta por Cyrulnik para afirmar que a arte faz da tragédia algo suportável.

A pandemia e seus efeitos de encerramento e incerteza não são fáceis de encarar com humor. A experiência clínica em tempos de Covid-19 mostra ansiedade, depressão, conflitos de convivência em vínculos conjugais ou entre os pais e seus filhos, tanto pela distância como pelo confinamento. As crianças o expressam de diferentes modos. No entanto, existem exemplos de confinamentos em circunstâncias muito mais graves durante o nazismo que colocam em evidência o valor do humor para tentar metamorfosear o horror. O primeiro deles parte de uma famosa história real escrita por uma menina; o segundo, de outra história real, neste caso relatada por seu protagonista, pioneiro da concepção de desenvolvimento resiliente; e o terceiro se aprecia em uma ficção cinematográfica que gerou diversas polêmicas.

Em seu diário, Anne Frank (1947/2019) relata em 27 de setembro de 1942:

Acaso eu não posso construir *meus próprios castelos no ar*? Com isso não faço mal a ninguém, não é necessário que o levem tão a sério. Papai ao menos *me defende*; se não fosse por ele, certamente eu não aguentaria continuar aqui, ou quase. (p. 44, as itálicas são nossas)

12. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 101 de: Freud, S. (1996). O humor. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 99 - 103). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927). Versão eletrônica recuperada em: <https://cutt.ly/GbXieaB>

13. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 102 de: Freud, S. (1996). O humor. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 99 - 103). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927). Versão eletrônica recuperada em: <https://cutt.ly/GbXieaB>

E em 20 de novembro de 1942 escreve:

Nenhum de nós sabe, muito bem que atitude adotar. Até agora nunca nos haviam chegado tantas notícias sobre a sorte dos judeus e nos pareceu melhor conservar o quanto possível o *bom humor*. *De nada serve continuarmos tão abatidos* como agora. Aos que estão fora, de todo modo, não podemos ajudar. Em tudo o que faço me lembro dos que estão ausentes. Mas, será que *tenho que passar o dia chorando*? Não, não posso fazer isso. Além do mais, com o tempo, a tristeza vai se dissipando. (p. 73, as itálicas são nossas)

Aqui trata-se de um confinamento de defesa frente ao horror que não está isento de vivências aterrorizantes. No entanto, há uma menina que menciona o valor e a necessidade da imaginação, o humor e o apoio paterno, todos eles indicadores do que chamamos desenvolvimento resiliente.

Boris Cyrulnik, judeu francês, é um sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz. Seus pais e ele, quando tinha seis anos, foram levados para lá pelo regime francês colaboracionista¹⁴. Seus pais foram assassinados, e quando a Gestapo veio buscá-lo, uma mulher, enfermeira da Cruz Vermelha, que tinha sido ferida, chamou-o e o escondeu debaixo de seu corpo. Acreditamos que talvez tenha feito isso quase como uma brincadeira que o menino Boris aceitou, e assim se salvou da morte. Já na década de noventa, a televisão francesa o convida para dar uma palestra em Burdeos, e a mulher que o salvou o reconhece e entra em contato com ele. Cyrulnik (24 de abril de 2019) descreve que, quando ambos relatam a história, os que a escutam riem, acreditam que foi inventada, e eles mesmos a contam sorrindo. Trata-se – a nosso modo de ver – de um menino que recebeu a proteção que lhe permitiu desenvolver potenciais subjetivos que facilitaram a metamorfose que ele mesmo desenvolveu – em sua vida adulta – como definição do desenvolvimento resiliente.

No controvertido filme *A vida é bela*, de Benigni (1997), apresenta-se outro confinamento, que nesse caso representa o horror em um contexto de negação e mania que é importante diferenciar do humor. Mas, de qualquer forma, parece claro que o personagem paterno de Guido Orefici coloca em ato permanentemente a reflexão freudiana sobre “o jogo de crianças”¹⁵ como uma forma de proteção de seu filho, transformando o trem para morte – apresentado na epígrafe – em um “maravilhoso”¹⁶ transporte sem assentos.

Reflexões finais

No presente nos debatemos entre o enigma das causas e o mistério das consequências.
Georges Didi-Huberman, 2017

A pandemia de Covid-19 – até o momento da redação deste texto – não tem tratamento, seus efeitos não são totalmente conhecidos e o

14. É claro que, se quem devia proteger faz o contrário, torna-se o agente da pior vivência traumática, da mesma forma que no abuso sexual e no terrorismo de Estado.

15. Jogo que Zizek (2020) também recomenda para suportar o dia a dia da quarentena.

16. Um livro sobre o desenvolvimento resiliente é o de Boris Cyrulnik, *La maravilla del dolor* (2001). O oxímoro ali é a chave e seu valor retórico é parte do humor e da poesia.

único modo de tentar preveni-la e controlá-la é o isolamento social, que no mundo variou de quarentenas estritas a situações mais flexíveis com diferentes níveis de incerteza e em muitos lugares com resultados trágicos. Recentemente começaram as campanhas de vacinação com uma mistura de temores, esperanças e polêmicas. Teve efeitos políticos, sociais e econômicos, cujo resultado – até o momento – sugere um futuro de “nova normalidade” por enquanto misteriosa. É claro que o Holocausto é diferente de uma pandemia por várias razões. A principal é a ação direta de genocídio, ou seja, um vitimário que intencionalmente e com propósitos definidos tem como objetivo destruir a outro humano. Não é um vírus. Também não é o efeito de diversas ditaduras latino-americanas e sua imposição de terrorismo de Estado e a figura do desaparecido. Aqui só tentamos mostrar o efeito do encerramento, o temor ao contágio, seu efeito de adversidade e os processos criativos que se desenvolvem a partir de um ponto de vista psicanalítico.

Neste trabalho tentamos expressar, então, que é possível transformar os efeitos estressantes e traumatogênicos que um evento disruptivo destas características possui. Escreveu-se muito sobre os processos elaborativos das vivências traumáticas, mas a psicanálise talvez não valorizou suficientemente o valor do que propomos brevemente como desenvolvimento resiliente, que não é um simples enfrentamento, mas implica –entre outras coisas¹⁷– uma ativação da imaginação e do humor como expressões da possibilidade de criar condições subjetivas novas.

Acreditamos que a noção de desenvolvimento resiliente é importante para a psicanálise pelo menos por duas razões. Em primeiro lugar, questiona o determinismo linear e enfatiza a transformação subjetiva. Em segundo lugar, valoriza os vínculos e o laço social como eixo decisivo de construção do novo, ou seja, a importância de saber que a história não está escrita, mas se reescreve permanentemente.

Giorgio Melchiori (2011) em seu livro sobre Joyce descreve uma foto em que se vê Marilyn Monroe – mulher com história sofrida – lendo abstrata o complexo *Ulisses*, e escreve:

No rosto de Marilyn há uma concentração, uma *perplexidade infantil* [...] não está se apropriando do texto; ela o está traduzindo a sua experiência pessoal [...] *está criando, reescreve*, em cada leitura o livro de Joyce. (p. 27; as itálicas são nossas)

E a escritora Rosa Montero (2003) propõe que:

a razão possui natureza pulcra e diligente e sempre se esforça por encher de causas e efeitos *todos os mistérios* com os que se depara, ao contrário da *imaginação (a louca da casa)*, como a chamava Santa Teresa de Jesus, que é puro descomedimento e deslumbrante caos. (p. 25; as itálicas são nossas)

Finalmente, é útil lembrar que a “perplexidade infantil” *cria e reescreve*, e que, junto com a imaginação, essa “louca da casa”, é na psicanálise a expressão de potenciais inconscientes que algumas vezes se expressam por meio do humor. E, como aponta Freud, o rebelde humor “recusa a se

17. Introspeção, pensamento crítico, solidariedade.

deixar ofender e precipitar ao sofrimento pelos influxos da realidade”, e lidera a luta contra a adversidade, mas para isso necessita do “consolo carinhoso” de um vínculo significativo que lhe permita *transformar* em algum sentido a realidade adversa.

Resumo

Apresenta-se a pandemia de Covid-19 como uma adversidade perfeita frente à qual é possível realizar um desenvolvimento resiliente que depende da ativação de potenciais inconscientes universais que provêm do infantil. O infantil se entende como articulação destes potenciais. O primeiro é chamado *hermenêutico*, definido como a capacidade de mascarar e decifrar as próprias produções psíquicas, colocando em evidência a *criatividade* intrínseca da mente humana. O segundo é chamado *potencial heurístico* porque alude à capacidade de invenção, ou seja, à *criação* do novo a partir da citada criatividade e de um *vínculo significativo*. O primeiro tem como modelo o sonho, e o segundo o jogo (*playing*), e nesse último o humor desempenha um papel central. Apresentam-se dois exemplos de histórias reais e um ficcional que colocam em evidência os vínculos como ativadores dos potenciais do infantil.

Palavras-chave: *Jogo, Humor, Criação, Vínculo, Resiliência.*

Abstract

The Covid-19 pandemic is presented as a perfect adversity in the face of which it is possible to realize a resilient development that depends on the activation of universal unconscious potentials that come from the infantile. Infantile is understood as the articulation of these potentials. The first is called *hermeneutic*, defined as the capacity to mask and decipher one's own psychic productions, putting into evidence the intrinsic creativity of the human mind. The second is called *heuristic potential* because it refers to the capacity of invention, that is, the capacity to create the new from the mentioned creativity and a significant bond. The first is modelled on dream and the second on playing, and in the latter humour plays a central role. Two examples of real stories and a fictional story are presented to highlight the links as activators of the infantile's potentials

Keywords: *Play, Humour, Creation, Bond, Resilience.*

REFERÊNCIAS

- Abello Blanco, A. y Liberman, A. (2011). *Una introducción a la obra de D. W. Winnicott: Contribuciones al pensamiento relacional*. Madrid: Agora Relacional.
- Alizade, M. (2002). *Lo positivo en psicoanálisis. Implicancias teórico clínicas*. Buenos Aires: Lumen.
- Asociación Psicoanalítica Argentina (s. f.). *Tesouro de psicoanálisis*. Disponível em: <https://www.apa.org.ar/Media/Files/alfabeticosimple>
- Aulagnier, P. (1983). Lo potencial, lo posible, lo imposible: Categorías y coordenadas del campo clínico. *Psicoanálisis*, 22(1), 65-87.
- Bauman, Z. (2005). *Amor líquido: Acerca de la fragilidad de los vínculos humanos*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Bleichmar, H. (2001). El cambio terapéutico a la luz de los conocimientos actuales sobre la memoria y los múltiples procesamientos inconscientes. *Aperturas Psicoanalíticas*, 9. Disponível em: <http://www.aperturas.org/articulo.php?articulo=178>
- Bleichmar, S. (2000). *Clínica psicoanalítica y neogénesis*. Buenos Aires: Amorrortu.

Bollas, C. (1989). *Fuerzas del destino: Psicoanálisis e idioma humano*. Buenos Aires: Amorrortu.

Chiozza, L. (1980). *Trama y figura del enfermar y el psicoanalizar*. Buenos Aires: Paidós.

Cyrulnik, B. (2001). *La maravilla del dolor: El sentido de la resiliencia*. Barcelona: Granica.

Cyrulnik, B. [Aprendemos Juntos] (24 de abril de 2019). *Cómo enseñar empatía a los niños*. Boris Cyrulnik, *neuropsiquiatra* [archivo de vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bclHr_pVkk8

Didi-Huberman, G. (2017). *Pasados citados por Jean Luc Godard*. Santander: Shangrila.

Escribens, A. (1998). Cosas privadas, palabras públicas: Apuntes para una reformulación de las representaciones y el campo psíquico. *Revista de Psicoanálisis*, 6, 93-120.

Ferri, E., Braschi, G. (produtores) e Benigni, R. (director) (1997). *La vida es bella*. Italia: Melampo Cinematografica, Cecchi Gori Group, Miramax.

Fiorini, H. (1995). *El psiquismo creador*. Buenos Aires: Paidós.

Fonagy, P., Steele, M., Steele, H., Higgitt, A. e Target, M. (1994). The Emanuel Miller Memorial Lecture 1992: The theory and practice of resilience. *Child Psychology & Psychiatry & Allied Disciplines*, 35(2), 231-257. (Trabalho original publicado em 1992).

Frank, A. (2019). *Diario*. Madrid: Verbum. (Trabalho original publicado em 1947).

Freud, S. (1973a). El humor. Em L. López-Ballesteros (trad.), *Obras completas* (vol. 3). Madri: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1927).

Freud, S. (1973b). El malestar en la cultura. Em L. López-Ballesteros (trad.), *Obras completas* (vol. 3). Madri: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1930).

Galende, E. (2004). Subjetividad y resiliencia: Del azar y la complejidad. Em A. Melillo, E. N. Suárez Ojeda e D. Rodríguez (comp.), *Resiliencia y subjetividad: Los ciclos de la vida*. Buenos Aires: Paidós.

Green, A. (1990). El psicoanálisis y los modos del pensar ordinario. Em A. Green, *Locuras privadas*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1979).

Green, A. (1996). Notas sobre procesos terciarios. Em A. Green, *La metapsicología revisitada*. Buenos Aires: Eudeba. (Trabalho original publicado em 1972).

Grotberg, E. H. (2001). Nuevas tendencias en resiliencia. Em A. Melillo, A. e E. N. Suárez Ojeda (comp.) *Resiliencia: Descubriendo las propias fuerzas*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1995).

Hornstein, L. (1993). *Práctica psicoanalítica e historia*. Buenos Aires: Paidós.

Junger, S. (1997). *The perfect storm*. Nova York: W. W. Norton & Company.

Kohut, H. (1968). Formas y transformaciones del narcisismo. *Revista de Psicoanálisis*, 25, 67-95.

Laplanche, J. y Pontalis, J.-B. (1971). *Diccionario de psicoanálisis*. Barcelona: Labor. (Trabalho original publicado em 1967).

Melchiori, G. (2011). *Joyce: El oficio de escribir*. Madri: Machado.

Melillo, A. (2004). Realidad social, psicoanálisis y resiliencia. Em A. Melillo, E. N. Suárez Ojeda e D. Rodríguez (comp.), *Resiliencia y subjetividad: Los ciclos de la vida*. Buenos Aires: Paidós.

Melillo, A., Estamatti, M. e Cuestas, A. (2001). Algunos fundamentos psicológicos del concepto de resiliencia. Em A. Melillo y E. N. Suárez Ojeda (comp.), *Resiliencia: Descubriendo las propias fuerzas*. Buenos Aires: Paidós.

Mente & Comportamiento: Enciclopedia digital de psicología (2020). *Jung: Proceso de individuación*. Disponível em: <https://menteycomportamiento.wordpress.com/jung-proceso-de-individuacion/>

Montero, R. (2003). *La loca de la casa*. Madri: Santillana.

Paz, R. (2000). Acerca del inconsciente psicoanalítico. *Revista de la Sociedad Argentina de Psicoanálisis*, 3, 5-34.

Paz, R. (setembro de 2020). Comunicación personal en la Sociedad Argentina de Psicoanálisis, Buenos Aires.

Potencial (2020). Em *Diccionario de la Real Academia Española*. Disponível em: <https://dle.rae.es/potencial>

Rodríguez, D. (2001). El humor como indicador de resiliencia. Em A. Melillo y E. N. Suárez Ojeda (comp.), *Resiliencia: Descubriendo las propias fuerzas*. Buenos Aires: Paidós.

Rozenfeld, A. (2012). *Resiliencia: Esa posición subjetiva frente a la adversidad*. Buenos Aires: Letra Viva.

Stein, H., Fonagy, P., Ferguson, K. S. e Wisman, M. (2000). Lives through time: An ideographic approach to the study of resilience. *Bulleting Menninger Clinic*, 64(2), 281-305.

Vanistendael, S. (2004). Humor y resiliencia: La sonrisa que da vida. Em B. Cyrulnik, S. Tomkiewicz, T. Genárd, S. Vanistendael e M. Manciaux, M. et al., *El realismo de la esperanza*. Barcelona: Gedisa.

Werner, E. y Smith, R. (1982). *Vulnerable but invincible: A longitudinal study of resilient children and youth*. Nova York: McGraw Hill.

Winnicott, D. W. (2007). *Realidad y juego*. Barcelona: Gedisa. (Trabalho original publicado em 1971).

Žižek, S. (2020). *Pandemic!: COVID-19 shakes the world*. Polity.

Alejandro Beltrán*

Calibán -
RLP, 19(1-2),
95-112
2021

“É que eu não estou aí...”: A construção de sentido no tratamento de uma criança autista

«

Introdução

“Uma roda, correndo, muito rápido...”. Escutei durante meses que somaram mais de um ano essa espécie de canto, mais que ladainha, recitação gozosa, entoada por Guille enquanto desenhávamos um carro na lousa. Cada sessão, três vezes por semana, começava basicamente da mesma forma.

Em 2020... Guillermo foi encaminhado para mim com um transtorno não específico de desenvolvimento. É o primogênito, tem uma irmã três anos mais nova. Nasceu de parto natural; a anamnese das etapas de desenvolvimento foi confusa e contraditória, pois os pais fantasiavam com uma evolução típica da vida de seu filho. Os pais de Guillermo – nesse momento, com cinco anos – aludiam a um mal-entendido institucional – médico e escolar – no qual seu filho era catalogado em uma condição – autismo – que, eles insistiam, o menino não teria.

Esta negação dos pais seria o ponto de partida do que foi sendo construído ao longo da análise de Guillermo. O paradoxo de trabalhar analiticamente com esse menino autista foi de que os pais não lhe davam um lugar de onde falar dele e com ele. Se tradicionalmente a criança diagnosticada como autista fica catalogada institucionalmente – no campo médico, terapêutico, escolar e familiar –, a Guille não o consideravam nem doente, nem louco, nem “normal”... Carecia de um lugar. Não é casualidade que essa condição coincidissem parcialmente com a definição de autista: a negação da possibilidade de representar. Mas a Guille seus pais lhe negavam inclusive o lugar que significava o reconhecimento de ser autista. O seu existir era um transitar sem sinais de identificação que lhe dessem sentido.

* Sociedad Psicoanalítica de México.